

## Casa dos pássaros: local de preparação de material zoológico a ser enviado para Portugal <sup>1</sup>

José Mario d'Almeida  
Regina Maria Macedo Costa Dantas

### Resumo

*A Casa de História Natural, conhecida pela população do Rio de Janeiro como Casa dos Pássaros foi criada por pelo Vice-Rei D. Luis de Vasconcelos em 1784 e extinta em 1813 por D. João VI. Para conduzir os trabalhos nessa instituição, o Vice-Rei convidou um artista plástico catarinense conhecido por Xavier dos Pássaros que, apesar de autodidata, preparou excelente material zoológico para ser enviado para Portugal. Com essa pesquisa espera-se elucidar algumas dúvidas, se a Casa dos Pássaros foi realmente precursora do Museu Nacional, como também, o destino dado ao material zoológico preparado por Xavier dos Pássaros, após a extinção da Casa de História Natural.*

**Palavras – Chave:** *História da Biologia; Museu Nacional; Rio de Janeiro.*

### Abstract

*The House of Natural History, known by the population of Rio de Janeiro as House of the Birds was created by the Lord-Lieutenant D. Luis de Vasconcelos in 1784 and extinguished in 1813 by D. João VI. In order to conduct the work in this institution, the Lord-Lieutenant invited a Santa Catarina artist known by Xavier dos Pássaros that, self-taught, prepared excellent zoological material to be sent to Portugal. With this research it is hoped to elucidate some doubts, if the House of the Birds was really precursor of the National Museum, as well as the destiny given to the zoological material prepared by Xavier dos Pássaros, after the extinction of the House of Natural History.*

**Keywords:** *History of Biology; National Museum; Rio de Janeiro.*

### Introdução

A atividade de reunir objetos de naturezas variadas, atribuindo-lhes valores, vem sendo exercida pelo homem desde a pré-história, dessa prática surgiu a ideia dos museus, contudo, os museus só se disseminaram pela Europa, sucedendo os gabinetes de curiosidades, nos séculos XVI, XVII e XVIII. A palavra museu, teve origem na Grécia “museion” significando “Casa das Musas”.

Nas Américas, a Casa de História Natural, criada em 1784 pelo Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos e Souza, conhecida também como Casa dos Pássaros, foi a primeira instituição ligada às Ciências Naturais. De acordo com dados de literatura, o atual Museu Nacional teve a Casa dos Pássaros como precursora, tendo sido incorporado à Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1971<sup>2</sup>.

Essa instituição, uma das mais importantes e a mais antiga da América Latina, abriga importantes acervos nas áreas de Zoologia, Botânica, Arqueologia, Antropologia, Geologia e

<sup>1</sup> O projeto desta pesquisa encontra-se publicado nos Anais do *Scientiarum* História IX (9<sup>o</sup> Congresso de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia), Rio de Janeiro, 2016.

<sup>2</sup> J. C. M. Carvalho, “Museu Nacional de História Natural,” *Revista Brasileira de Zoologia* 54, n<sup>o</sup> 4 (1988): 633-635.

Paleontologia, como também ministra cursos de Mestrado e Doutorado, tendo nos seus quadros notáveis pesquisadores. No entanto, existem controvérsias relacionadas com a história da Casa dos Pássaros, como precursora do Museu Nacional, como também, do destino dado às coleções, após a sua extinção em 1813, por D. João VI.

Com o tema proposto, espera-se responder às seguintes indagações: 1) A Casa dos Pássaros foi realmente precursora do Museu Nacional? 2) Qual destino foi dado aos exemplares zoológicos montados por Francisco Xavier Cardoso Caldeiras; conhecido como Xavier dos Pássaros, após a extinção da Casa dos Pássaros.

### **Criação da Casa de História Natural, Casa dos Pássaros**

Para uma melhor contextualização dos fatos que levaram à criação do, supostamente, primeiro museu de História Natural da Colônia, a Casa de História Natural, será necessário analisar as gestões dos vice reis que mais se destacaram na divulgação da História Natural de 1763 a 1808, com a chegada da família real. Em 1763, a capital do Vice Reino foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro, tendo como justificativa o crescimento econômico, motivado pelo ouro e pedras preciosas vindas de Minas Gerais, e o porto escoador que facilitava o envio dessas riquezas para a Corte. Como também, para a transferência da capital foram analisadas questões ligadas à segurança da Colônia. O Rio de Janeiro, como capital colonial, teve sete vice-reis: Conde da Cunha (1763-1767), Conde de Azambuja (1767-1769), Marquês do Lavradio (1769-1779), Conde de Figueiró (1779-1790), Conde de Resende (1790-1801), Marquês de Aguiar (1801-1806) e Conde dos Arcos (1806-1808)<sup>3</sup>.

Tendo em vista, a importância da Casa de História Natural para o desenvolvimento das Ciências Naturais na Colônia, torna-se necessário ressaltar realizações efetuadas pelos vice-reis que mais contribuíram para a divulgação da História Natural colonial. Dentre eles destaca-se o Marquês do Lavradio (fig. 1) e o Conde de Figueiró (D. Luis de Vasconcelos e Souza) (fig. 2), criador da Casa de História Natural. Dentre as contribuições do Marquês do Lavradio, pode-se salientar a criação da Academia de Medicina e História Natural, denominada Academia de Ciências do Rio de Janeiro, em 18 de fevereiro de 1772, local onde os letrados da época, isto é, os sócios se reuniam para discutir temas científicos, muitos dos quais, pesquisados por eles próprios no Horto Botânico da Academia.

Lavradio contou com a participação ativa do filósofo e seu médico particular Dr. José Henriques Ferreira, primeiro médico do Hospital Real. A Academia de Ciências do Rio de Janeiro congregava nove

---

<sup>3</sup> M. Aizen, "Rio de Janeiro – A cidade dos vice-reis: 1763-1808," *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro*, 167, nº 432 (2006): 201-207.

acadêmicos, dois médicos, quatro cirurgiões, dois boticários e um prático em agricultura<sup>4</sup>. Na sessão inaugural, o boticário Antonio Ribeiro de Paiva, responsável pela História Natural, discorreu sobre as divisões da História Natural, em especial a Botânica e ressaltou o proveito que a Colônia poderia obter com esse tipo de exploração. Os encontros ocorriam às quintas feiras na sede da Academia, que funcionava no Palácio dos Vice-Reis (atual Paço Imperial) e aos sábados no Horto Botânico.

Com a criação da Academia de Ciências do Rio de Janeiro, Lavradio, vislumbrando a necessidade de comprovações práticas, criou um horto botânico, talvez o primeiro na Colônia, em área do antigo Colégio dos Jesuítas, no Morro do Castelo<sup>5</sup>.

Com o fim da administração do Marquês do Lavradio, em 1779, a Academia de Ciências do Rio de Janeiro termina, também, os seus trabalhos. Em 1786, sob a administração do Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos e Souza, foi criada a Sociedade Literária do Rio de Janeiro, não diríamos que veio substituir a Academia de Ciências, porque o enfoque era mais literário, contudo, foi uma grande conquista, realizada por um outro destacado Vice-Rei. Todavia, com o término do vice-reinado de D. Luis de Vasconcelos, em 1790 e a nomeação do Conde de Resende, a Sociedade Literária foi extinta e os acadêmicos perseguidos pelo Vice-Rei<sup>6</sup>.

Tamanha foi a importância da Academia de Ciências do Rio de Janeiro, para o desenvolvimento científico da Colônia, que eram mantidos vínculos com a Academia de Ciências da Suécia, tanto assim, os assuntos analisados e discutidos nas sessões chegavam a Europa e conseqüentemente aos ouvidos de botânicos e zoólogos, dentre eles o cientista Carl Von Linné<sup>7</sup>, que destacou-se pela criação de um sistema binário de nomenclatura de seres vivos, obra publicada na 10ª edição do *Systema Naturae* em 1758, até hoje adotado por botânicos e zoólogos.

Com o término da gestão do Marquês do Lavradio e com a vinda do Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos e Souza, Conde de Figueiró (1740-1807), em 30 de abril de 1778, envolvido pelo Iluminismo, realizou importantes transformações no Rio de Janeiro, ligadas às artes e ciências, como também, obras que embelezaram a cidade<sup>8</sup>.

---

<sup>4</sup> L. B. Koury & O. Munteal Filho, "Cultura Científica e Sociabilidade Intelectual no Brasil Setecentista: Um Estudo Acerca da Sociedade Literária do Rio de Janeiro," *Acervo* 8, nº 1-2 (1995): 105-122.

<sup>5</sup> V. R. B. Marques, "Escola de Homens de Ciências: A Academia Científica do Rio de Janeiro, 1772-1779," *Educar, Curitiba*, nº 25 (2005): 39-57.

<sup>6</sup> Koury & Munteal Filho.

<sup>7</sup> Ibid.

<sup>8</sup> A. M. F. M. Carvalho, *Mestre Valentim* (São Paulo: Cosac & Naify, 2003).



Figura 1 - Marquês do Lavradio<sup>9</sup>



Figura 2 - D. Luis de Vasconcelos<sup>10</sup>

De acordo com Aizen<sup>11</sup>, D. Luiz de Vasconcelos e Souza foi um dos mais importantes vice-reis, dentre as suas realizações pode-se destacar: reformas de prédios, dentre eles: Casa da Alfândega, prédio do Recolhimento de Partos, Palácio dos Vice-Reis, obra muito criticada pelos viajantes estrangeiros. Das suas realizações, duas marcaram profundamente a cidade, com reflexos até os dias de hoje: a

<sup>9</sup> Fonte: *Fundo Marquês do Lavradio*, Arquivo Nacional, 1999.

<sup>10</sup> Fonte: N. Papavero & D. M. Teixeira, "Remessa de Animais de Santa Catarina (1791) para a "Casa dos Pássaros" no Rio de Janeiro e para o Real Museu da Ajuda (Portugal)," *Arquivos de Zoologia* 44, nº 4 (2013): 185-209.

<sup>11</sup> Aizen.

pavimentação do Largo do Paço com a construção de um chafariz e um novo cais, que serve de cartão postal (histórico) da cidade.

Também foi importante a preocupação do Vice-Rei com as doenças que assolavam a capital, levando a execução de obras de saneamento, tais como o aterro da Lagoa do Boqueirão, obra que deu origem a uma das mais importantes realizações de seu governo, o Passeio Público (fig. 3).

Para executar esse projeto, Dom Luiz de Vasconcelos convidou o Sr. Valentim da Fonseca e Silva (1745-1813) conhecido como Mestre Valentim<sup>12</sup>.

Mestre Valentim um dos maiores artistas do Brasil Colônia projetou para o Passeio Público um jardim estilo francês, pautado na linearidade, regularidade e geometrização<sup>13</sup>. No fundo do jardim do Passeio Público projetou um terraço que avançava sobre a Baía de Guanabara, para essa construção foi necessário aterrar a lagoa do Boqueirão, que havia se tornado insalubre<sup>14</sup>. Sobre esse terraço, Mestre Valentim construiu 2 pavilhões quadrangulares, o da direita denominado Apollo e o da esquerda Mercúrio, esses belos prédios não resistiram ao movimento das marés e ressacas, ruindo completamente em 1817<sup>15</sup>.

Para decorá-los, Mestre Valentim convidou o pintor Leandro Joaquim (1738-1798) e os Srs. Francisco Xavier Cardoso Caldeiras e Francisco dos Santos Xavier, ambos catarinenses, conhecidos como Xavier dos Pássaros e Xavier das Conchas, respectivamente<sup>16</sup>. Como constataremos no presente trabalho, um dos artistas catarinenses, o Xavier dos Pássaros foi designado Inspetor, para dirigir a Casa de História Natural.



Figura 3 - Passeio Público<sup>17</sup>

<sup>12</sup> F. M. Didoné & S. Makowieck, "Passeio Público do Rio de Janeiro e uma História que Pode Ser Revista: Os Catarinenses Xavier das Conchas e Xavier dos Pássaros," *Revista Ciclos* 2, nº 3 (2014): 61-72.

<sup>13</sup> H. Boiteux, "Mestre Valentim e a Arte Catarinense," *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina* 7 (1918): 98-104.

<sup>14</sup> Ibid.

<sup>15</sup> Didoné & Makowieck.

<sup>16</sup> Ibid.

<sup>17</sup> Fonte: Soraya Callis, Escritório de Artes, 2017.

Até meados do século XVIII o desenvolvimento científico e tecnológico da Colônia ainda era incipiente, como também o de Portugal. Com a coroação de D. José I e a ascensão do Marquês de Pombal, várias mudanças foram instituídas na Metrópole. O espírito iluminista que imperava em vários países da Europa, nessa época, também contaminou Portugal, gerando muitas mudanças no desenvolvimento científico, que acabaram repercutindo nas colônias e, em especial no Brasil<sup>18</sup>.

Contudo, segundo Filgueiras<sup>19</sup>, a ciência brasileira setecentista apresentava certas particularidades, que, “avaliada como uma busca desinteressada de conhecimento da natureza, praticada de forma contínua ou regular, com o patrocínio do estado ou de mecenas particulares, era inexistente”.

Ocorrem divergências entre historiadores, quanto à existência de ciência no Brasil Colônia. Dantes<sup>20</sup> salienta a importância de não se procurar, no passado, vestígios do que hoje se considera atividade científica – os cientistas de outros tempos trabalhavam de uma forma muito diferente do que entendemos hoje por ciência. Contudo, consideramos importante registrar, como atividade científica, as viagens de naturalistas às Américas e o envio de material zoológico e botânico para a metrópole, que foi constante no século XVIII.

O zoólogo Nelson Papavero retrata, em alguns dos seus artigos, o envio de material científico da colônia para a metrópole: Grão Pará<sup>21</sup>; Santa Catarina<sup>22</sup>; Pernambuco<sup>23</sup>; Bahia, Maranhão, Espírito Santo e Rio de Janeiro<sup>24</sup>.

No artigo, que encerra a série, são considerados os animais enviados para Lisboa das capitâncias da Bahia, Maranhão, Espírito Santo e Rio de Janeiro, de 1762 a 1807. De especial interesse é a existência de 92 nomes populares de aves constituindo as mais antigas citações (termini a quo); alguns deles não puderam ser identificados ou apenas identificados até alguma categoria supragenérica<sup>25</sup>.

---

<sup>18</sup> M. M. Lopes, *O Brasil Descobre a Pesquisa Científica: Os Museus e as Ciências Naturais no Século XIX* (São Paulo: Hucitec, 1997).

<sup>19</sup> C. A. L. Filgueiras, “Havia Alguma Ciência no Brasil Setecentista?” *Química Nova* 21, nº 3 (1998): 351-353.

<sup>20</sup> M. A. Dantes, “Fases da Implantação da Ciência no Brasil,” *Quipu* 5, nº 2 (1988): 265-276.

<sup>21</sup> Papavero & Teixeira, “Animais Enviados do Grão Pará para as Quintas Reais de Belém (Portugal) no Século XVIII,” *Arquivos de Zoologia* 44, nº 2 (2013): 121-169.

<sup>22</sup> Papavero & Teixeira, “Remessa de Animais de Santa Catarina (1791) para a “Casa dos Pássaros” no Rio de Janeiro e para o Real Museu da Ajuda (Portugal).

<sup>23</sup> A. V. de Almeida, N. Papavero, & D. M. Teixeira, “Animais Enviados para Portugal, entre 1754 e 1785, pelos Governadores da Capitania de Pernambuco,” *Arquivos do NEHiLP* 2 (2014): 1-72.

<sup>24</sup> Papavero & Teixeira, “Remessas de Animais da Bahia, do Maranhão, do Espírito Santo e do Rio de Janeiro para as Quintas Reais de Lisboa (1762-1807),” *Arquivos de Zoologia* 48, nº 1 (2017): 1-35.

<sup>25</sup> *Ibid.*

Apesar dos fatos não terem ocorrido no século XVIII, consideramos importante assinalar o desenvolvimento científico do Brasil durante o período de ocupação holandesa no nordeste (1630-1654), em especial no governo de Maurício de Nassau (1637-1644). Em Recife ocorreram diversas manifestações científicas relacionadas à Zoologia e Botânica<sup>26</sup>.

No governo de Maurício de Nassau (1637-1644), com a construção do Palácio de Friburgo, entre 1639 e 1642, foi criado um verdadeiro jardim zoobotânico, mantido até 1645. Para o jardim botânico são citadas espécies vegetais, entre árvores e arbustos, com predomínio de exóticas introduzidas, sendo 20 possivelmente identificáveis, além de referências gerais a grupos. Para o zoológico são citadas 28 espécies animais, sendo 12 aves, um réptil e 15 mamíferos, entre espécies nativas e exóticas. O horto parece ter sido orientado pela funcionalidade, pela necessidade de produzir plantas úteis, alimentos nutritivos e de qualidade, incorporando e valorizando as espécies que já tinham sido consagradas pelas populações locais, ao mesmo tempo em que se tentava reencontrar aqui algumas das referências alimentares da Europa. Apesar da sua efêmera existência, é plenamente possível que o horto zoo-botânico do Palácio de Friburgo seja considerado como o primeiro em moldes europeus da América. Além do zoológico e do jardim, vislumbra-se a existência de um espaço considerado como um Museu de História Natural associado ao palácio, que se constitui num fato relevante para a história da zoologia da região<sup>27</sup>.

No Rio de Janeiro, capital da colônia, o envio de material zoológico e botânico foi mais intensificado durante as administrações do Marquês do Lavradio (1769-1779) e a de D. Luis de Vasconcelos e Souza (1780-1790) (quadro 1), destacando-se que, nesse vice-reinado, parte do material enviado foi preparado na Casa de História Natural, objeto do nosso estudo, por Xavier dos Pássaros, que recebeu elogios dos zoólogos da metrópole<sup>28</sup>.

---

<sup>26</sup> A. V. de Almeida, M. A. B. de Oliveira, & I. M. J. Meunier, "Animais e Plantas do Horto Zoo-botânico do Palácio de Friburgo (1639-1645) Construído por Maurício de Nassau no Recife," *Filosofia e História da Biologia* 6, nº 1 (2011): 19-35.

<sup>27</sup> Ibid.

<sup>28</sup> Papavero & Teixeira, "Remessa de Animais de Santa Catarina (1791) para a "Casa dos Pássaros" no Rio de Janeiro e para o Real Museu da Ajuda (Portugal).

**Quadro 1 - Correspondências do Vice-Rei Dom Luiz de Vasconcelos (1778-1790) para a Coroa Portuguesa, sobre o envio de animais e plantas<sup>29</sup>**

| Data                   | Assunto   | Embarcação   | Registro  |
|------------------------|---|--|---|
| <b>1781</b>            |   |  |   |
| 13/3/1781              | Remetendo pássaros e animais  | Galera NS Nazareth                                 | (fls. 49, liv 2) Reg;<br>(fls20liv4)Orig                              |
| 22/3/1781              | Remetendo pássaros e animais  | Corveta NS da Conceição                            | (fls44, liv 4) Orig.  |
| 2/4/1781               | Remetendo pássaros e animais  | Navio NS da Penha                                  | (fls 52, liv 4) Orig  |
| 25/5/1781              | Remetendo pássaros  | Galera NS Nazareth e Senhora de Oliveira           | (fls 5, liv 2) Reg.<br>(fls 98, liv 4) Orig                           |
| 25/5/1781              | Remetendo uma capivara  | Galera NS de Nazareth e Sant' Ana                  | (fls 51, liv 2) Reg;<br>(fls 51, liv 2) Reg;<br>(fls110, liv 4) Orig. |
| 21/6/1781              | Remetendo pássaros e animais  | Navio NS da Conceição e S José                     | (fls 52, liv 2) Reg;<br>(fls 113, liv 4) Orig                         |
| 3/7/1781               | Remetendo pássaros  | Navio Graça Divina                                 | (fls 52, liv 2) Reg;<br>(fls 127, liv 4) Orig                         |
| 18/7/1781              | Remetendo em um armário 16 (dezesesseis) tucanos, vindos de Santa Catarina  | ???????????????                                    | (fls 149, liv 4) Orig   |
| 6/8/1781               | Remetendo pássaros, animais e plantas cultivadas pelo cirurgião mor Ildefonso José da Costa e Abreu   | Navio S José Príncipe da Beira                     | (fls 55, liv 2) Reg;<br>(fls165, liv 4)                               |
| 22/8/1781              | Remetendo pássaros e animais  | Corveta Santa Rosa                                 | (fls 56, liv 2) Reg;<br>(fls 176, liv 4) Orig                         |
| 22/8/1781              | Remetendo 12 caixões de plantas, restantes dos 32 vindos de Minas Gerais  | Navio (?) Santa Rosa e Senhor do Bonfim            | (fls 56, liv 2) Reg;<br>(fls 178, liv 4) Orig                         |
| 28/8/1781<br>28/8/1781 | Remetendo pássaros e animais  | Navio NS Loreto, Santa Rosa e Senhor do Bonfim     | (fls 57, liv 2) Reg;<br>(fls 231, liv 4)                              |
| 14/12/1781             | Remetendo pássaros (indo uns cheios e outros em gaiolas (ocorreu algum erro ?)  | Navio Diana  | (fls 100, liv 6) Reg.<br>da Corte                                     |
| 18/12/1781             | Remetendo uma onça (viva ?)   | Navio Diana (algum erro, devido às datas           | (fls 60, liv 2) Reg;<br>(fls 264, liv 4) Orig                         |
| <b>1782</b>            |   |  |   |
| 3/1/1782               | Remetendo vários animais e um peixe boi   | Corveta NS da Guia e Santa Rita                    | (fls 63, liv 2) Reg;<br>(fls 11, liv 5) Orig.                         |
| 17/1/1782              | Remetendo plantas frutíferas  | Navio NS Conceição e S. José                       | (fls 63, liv 2) Reg;<br>(fls 25, liv 5) Orig                          |
| 21/2/1782              | Remetendo plantas   | Corveta Senhor Bom Jesus de Barcelos e NS da Dores | (fls 65, liv 2) Reg;<br>(fls 68, liv 5) Orig                          |
| 2/3/1782               | Remetendo animais   | Navio NS Namigua (?)e Senhor do Bom Jesus          | (fls 65 v; liv 2)<br>Reg; (fls 74, liv 5)<br>Orig                     |
| 27/3/1782              | Remetendo 4 caixões de plantas  | ???????????????                                    | (fls 86, liv 5) Orig  |
| 27/3/1782              | No mesmo navio (?) chegou de Bengala um pássaro esquisito por nome <b>Angila Calacusso</b> , bem como que o remetia para as Quintas Reaes       |  | (fls 88, liv 5) Orig  |
| 13/4/1782              | Remetendo animais e pássaros  | Charrua Príncipe da Beira                          | (fls 67, liv 2) Reg;<br>(fls 141, liv 5) Orig                         |
| 16/4/1782              | O Vice-Rei comunica ter decorrido o triênio do seu governo, esperando que Sua Magestade lhe designasse o sucessor.                              |  | (fls 143, liv 7) Reg<br>da Corte; (fls 143,<br>liv 5) Orig            |
| 21/4/1782              | Remetendo tucanos – comunicando que apesar das maiores diligências, ainda não havia conseguido conservar vivos uma certa quantidade de pássaros | Charrua Príncipe da Beira                          | (fls 144, liv 7) Reg.<br>Da Corte; (fls 145,<br>liv 5) Orig           |

<sup>29</sup>Quadro produzido, pelos autores, através de fontes primárias obtidas no Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

|  |   |                     |   |
|--|---|---------------------|---|
| Atentar para o fato, que Xavier dos Pássaros, após várias tentativas, conseguiu encontrar um método eficiente para que os animais embarcados, chegassem vivos e em boas condições a Lisboa.. |   |                     |   |
| 23/4/1782  | Remetendo um tamanduá e fazendo várias considerações sobre esta espécie de animal   | ????????????????    | (fls 67v, liv 2) Reg; (fls 172, liv 5) Orig           |
| 9/7/1782   | Remetendo animais   | ????????????????    | (fls 71, liv 2) Orig.                                 |
| 22/8/1782  | Remetendo em um caixote pássaros, animais e a respectiva relação  | ????????????????    | (fls 179, liv 7) Reg da Corte; (fls 217, liv 5) Orig  |
| 26/9/1782  | Remetendo plantas   | Navio Santa Rosa    | ??????????  |
| <b>1783</b>  |   |                     |   |
| 18/3/1783  | Remetendo pássaros e o respectivo conhecimento  | Navio SS Sacramento | (fls 76v, liv 2) Reg; (fls 36, liv 6) Reg.            |
| <b>Atenção:</b> Em quase todas as embarcações para Portugal eram remetidas plantas, não especificando dados referentes às espécies e/ou finalidade.  |   |                     |   |
| 17/6/1783  | Remetendo caixa contendo borboletas e outros insetos escolhidos e comunicando que deu conhecimento da proteção que Sua Majestade promete dispensar a todas as pessoas que trabalham em prol da História Natural | ????????????????    | (fls 46, liv 8) Reg. Da Corte; (fls 79, liv 6) Orig.  |
| <b>1784 (registros não encontrados)</b>  |   |                     |   |
| <b>1785</b>  |   |                     |   |
| 15/2/1785  | Remetendo animais quadrúpedes, pássaros, insetos e as respectivas relações  | ????????????????    | (fls 130, liv 10) Reg. Da Corte                       |
| <b>1786</b>  |   |                     |   |
| 23/9/1786  | Remetendo uma coleção de conchas feita por Frei José Mariano da Conceição Velloso e 4 viveiros contendo pássaros  | ????????????????    | (fls 70, liv 4) Reg. Da Corte; (fls 246, liv 7) Orig. |
| <b>1787 (registros não encontrados)</b>  |   |                     |   |
| <b>1788</b>  |   |                     |   |
| 5/8/1788   | Remetendo uma caixa de borboletas e uma caixa de pássaros   | ????????????????    | (fls 119, liv 2) Reg; (fls 85, liv 8) Orig.           |

Corroborando Dantes<sup>30</sup>, quando afirma que existiu ciência na colônia, podemos também ressaltar a medicina praticada pelos jesuítas, baseada principalmente no conhecimento indígena. Calainho<sup>31</sup>, destaca muito bem a Ciência desenvolvida pelos inicianos na Colônia:

..... a vastíssima documentação jesuítica descreveu lendas indígenas, línguas, tipo físico dos nativos, seus costumes e modo de vida, religião, embates entre tribos. Ao longo do tempo e dos caminhos que trilharam para o estabelecimento e a consolidação da Companhia de Jesus no Brasil, fundando colégios e seminários, e tentando cumprir com o máximo êxito sua missão evangelizadora e educacional, perceberam o Brasil com os olhos de naturalistas, botânicos, zoólogos, geólogos, etnógrafos, médicos, sangradores, cirurgiões<sup>32</sup>.

<sup>30</sup> Dantes.

<sup>31</sup> D. B. Calainho, "Jesuítas e Medicina no Brasil Colonial," *Tempo*, nº 19 (2005): 61-75.

<sup>32</sup> *Ibid.*

Com a coroação de D. José I e a ascensão do Marques de Pombal, Portugal encontrou nas Ciências Naturais saída para sérios problemas de ordem política e econômica<sup>33</sup>. Envolvido pelo Iluminismo, prevalecente na Europa, o Marquês de Pombal convidou o naturalista Domenico Vandelli para lecionar na Universidade de Coimbra, onde foi lente de química e história natural, como também foi diretor do Jardim Botânico, instituição cuja principal função era a aclimatação de plantas úteis<sup>34</sup>. Segundo Naxara<sup>35</sup>, Vandelli incentivou as viagens às Américas, objetivando coletar plantas e animais, além de potencializar a utilização de recursos naturais encontrados nas colônias. Preocupado com o êxito das viagens, Vandelli escreveu um manual de coletas “Manual de Viagens”<sup>36</sup>.

Mesmo assim, o desenvolvimento das Ciências Naturais na colônia só se deu de maneira efetiva com a chegada da família real em 1808. Convém salientar que, por meio do incentivo dado por Vandelli, ocorreram algumas viagens filosóficas às colônias, dentre elas, destaca-se a de Alexandre Rodrigues Ferreira, realizada entre 1783 e 1792.

Com o término da construção do Passeio Público, o Vice-Rei convidou Francisco Xavier Cardoso Caldeiras, conhecido como Xavier dos Pássaros para criar e administrar um museu, pioneiro no Brasil, denominado Casa de História Natural (1784), conhecido pela população como “Casa dos Pássaros”, talvez pela afinidade do seu diretor pelas aves. Todavia, esse autodidata, além dos pássaros, também preparava outros animais, dentre eles insetos, tanto assim que em 1783 o Vice-Rei enviou para Lisboa uma coleção de borboletas, que foi admirada, não só pela Corte, como também, pelos zoólogos do Museu da Ajuda<sup>37</sup>.

Segundo Alves<sup>38</sup>, o prédio que abrigaria a Casa de História Natural, pelo projeto do vice-rei, seria construído na rua da Lampadosa, atual avenida Passos, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Contudo, preocupado com a lentidão na construção do pretense museu, Xavier dos Pássaros improvisou um “barracão” onde pudesse trabalhar.

---

<sup>33</sup> L. F. T. Barbato, “Natureza, Ciência e Progresso: A Natureza Brasileira no Debate Letrado do IHGB (1839-1845),” *Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS* 2, nº 3 (2009): 97-114.

<sup>34</sup> Koury & Munteal Filho.

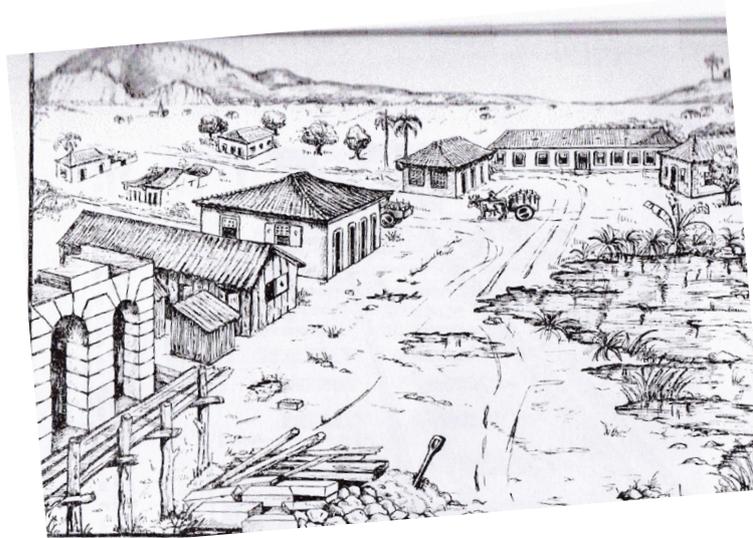
<sup>35</sup> M. R. C. Naxara, *Sobre o Campo e a Cidade: Olhar, Sensibilidade e Imaginário: Em Busca de um Sentido Explicativo para o Brasil no Século XIX* (Campinas: s.ed., 1999).

<sup>36</sup> Ibid.

<sup>37</sup> Papavero & Teixeira, “Remessa de Animais de Santa Catarina (1791) para a “Casa dos Pássaros” no Rio de Janeiro e para o Real Museu da Ajuda (Portugal).

<sup>38</sup> R. J. V. Alves, “Museu Nacional – Uma Luz no Longínquo Fim do Túnel?” *Revista Museu* (2015), <http://www.revistamuseu.com.br/emfoco.asp?id=2510>.

No entanto, Brasil<sup>39</sup> assinala que a obra do museu de D. Luis de Vasconcelos, não foi iniciada em 1784 e, assim sendo, Xavier dos Pássaros deu início aos seus trabalhos de preparação de material zoológico em uma casa térrea nas proximidades da rua da Lampadosa. O prédio que abrigaria o museu só foi concluído em 1814 por D. João VI, para abrigar o Erário Público e posteriormente o Ministério da Fazenda e do Tesouro (fig. 5). Em seu artigo *O Museu Nacional e o Dr. Emílio Joaquim da Silva Maia*, Feio<sup>40</sup> apresenta uma interessante figura que reconstitui o local onde teria sido construída a Casa de História Natural (figura 4).



**Figura 4 - Reconstituição imaginária do local onde começava a se erguer o edifício da Casa de História Natural, tendo ao lado o barracão onde funcionou provisoriamente e os cubículos a maneira de jaulas. Em frente a lagoa da Panela. O carro de bois marca a rua do Alecrim (Buenos Aires), tudo na travessa da Lampadosa, depois rua do Erário ou Sacramento (Av. Passos), fechada por causa do caminho Fernão Passos (rua Senhor dos Passos) – o texto é original do autor José Lacerda de Araújo Feio<sup>41</sup>.**

Ladislau-Neto<sup>42</sup> descreve minuciosamente o local escolhido para abrigar a Casa de História Natural:

Toda a parte occidental da larga bacia em que se acha edificada a capital do Imperio era uma quasi restinga, invadida aqui e alli nos preamares pelas aguas do oceano,-- região meio mar, meio terra-aonde, espaçadas, encontravão-se apenas raras habitações. O mar, como usurario zeloso de seus antigos e extensos dominios, ia abandonando, porém, mau grado seu, aos incolos invasores, todo esse territorio que

<sup>39</sup> G. Brasil, *História das Ruas do Rio: e da Sua Liderança na Política do Brasil*, 5 ed. (Rio de Janeiro: Lacerda, 2000), 135.

<sup>40</sup> J. L. de A. Feio, *O Museu Nacional e o Dr. Emílio Joaquim da Silva Maia* (Rio de Janeiro: Universidade do Brasil; Museu Nacional, 1960).

<sup>41</sup> Ibid.

<sup>42</sup> Ladislau Netto, *Investigações Históricas e Científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio e Janeiro, Acompanhas de uma Breve Notícia de suas Coleções e Publicadas por Ordem do Ministério da Agricultura* (Rio de Janeiro: Instituto Philomatico, 1870).

em grande parte lhe pertencia ainda nas enchentes, e como, por isso. não pequenas e poucas lagoas lhe ficavão servindo de vestígios, desdo actual matadouro, por onde entrava, até o campo de Sant'Anna, as aves aquaticas que ora povoão os alagadiços da Praia-Formosa, vinhão então sem receio, adejando, de vôo em vôo, até pousarem no lago visinho à Caza dos Passaros de cujas janellas caçavão-nas à tiros os seus preparadores<sup>43</sup>

Segundo Ladislau-Neto<sup>44</sup>, D. Luiz de Vasconcelos contratou auxiliares para o Sr. Francisco Caldeiras: dois ajudantes, três serventes e dois caçadores. Dentre esses ajudantes, destaca-se o Sr. João de Deus Matos, que mais tarde foi porteiro, preparador e guarda do Museu Real, na gestão do primeiro diretor, Frei José da Costa Azevedo<sup>45</sup>. Xavier dos Pássaros recebia, anualmente, como proventos 540\$000, como também, morava no local onde exercia as suas atividades. Recebia como vantagens mensais 60 feixes de lenha, 2 arrobas de velas de cera e 4 medidas de azeite<sup>46</sup>. O prédio que abrigaria a Casa dos Pássaros, como muitos outros, foi demolido na década de 1930, envolto em um “frenesi” de demolições, por conta da construção da Avenida Presidente Vargas<sup>47</sup>.



**Figura 5 - Rua do Sacramento (atual Avenida Passos) Antigo Real Erário, prédio que deveria ter abrigado a Casa dos Pássaros.<sup>48</sup>**

<sup>43</sup> Ibid.

<sup>44</sup> Ibid.

<sup>45</sup> Publicações do Museu Nacional, *Os Diretores do Museu Nacional*, 2007-2008.

<sup>46</sup> Feio.

<sup>47</sup> P. Paccini, <http://www.semprerio.com/pt/home/itemlist/user/98-paulopaccini>.

<sup>48</sup> Fonte: **Foto Gilson Koatz (imagem obtida em dez 2017)**

Observa-se na literatura algumas controvérsias, não só sobre o destino das coleções, como também, o objetivo da instituição. De acordo com Lopes<sup>49</sup>, o objetivo da Casa dos Pássaros foi colecionar, armazenar e preparar exemplares zoológicos para serem enviados para a metrópole. Pode-se até mesmo questionar se realmente o Vice-Rei teve interesse em criar um museu de história natural ou se pretendia, apenas, montar um gabinete de curiosidades. Segundo Brigola<sup>50</sup>, o Vice-Rei de volta para Portugal criou um gabinete de curiosidades, possivelmente, com material preparado na Casa de História Natural por Xavier dos Pássaros.

De acordo com José Lacerda de Araújo Feio, que foi diretor do Museu Nacional (1967-1971), em palestra sobre o Museu Nacional e o centenário do Dr. Emílio Joaquim da Silva Maia, primeiro diretor da Seção de Zoologia (1842-1859), afirma que o Vice-Rei D. Luis de Vasconcelos e Souza trouxe de Portugal instruções sobre a criação da Casa de História Natural<sup>51</sup>.

O vice-rei D. Luis de Vasconcelos e Souza (1779-1790), ao vir para o Brasil, trouxe instruções de D. Maria I, rainha de Portugal através de seu ministro D. Martinho de Mello e Castro. Em consequência dessas instruções surgiu a Casa de História Natural, à qual o bondoso vice-rei, atento ao movimento literário e científico europeu, fazia muito empenho em realizar, de par com as obras de engrandecimento e salubridade da capital do país. E, sob as vistas do próprio vice-rei do Brasil, teve início a construção de um soberbo edifício de elegante arcaria de granito<sup>52</sup>.

Quanto ao, também, controverso destino das coleções zoológicas preparadas por Xavier dos Pássaros, existem divergências entre autores, José Cândido de Melo Carvalho, eminente zoólogo brasileiro, ex diretor dos Museus Goeldi e Nacional (1956-1960), afirma que as coleções da Casa dos Pássaros foram incorporadas ao Museu Real, criado em 1818 por D. João VI<sup>53</sup>. Essa mesma ideia é defendida por Coelho de Sá<sup>54</sup>. Silva-Maia<sup>55</sup>, afirma que parte da coleção zoológica, bem restrita, que não foi destruída pela má conservação, foi anexada ao acervo do Museu Real, criado por D. João VI, em 1818.

---

<sup>49</sup> Lopes.

<sup>50</sup> J. C. Brigola, "Viagem, Ciência e Administração no Brasil Colônia: Os Gabinetes Setecentistas de História Natural de Luis Pinto de Balsemão, de Luis de Vasconcelos e Souza e de Luis de Albuquerque Cáceres," in *Coleções, Gabinetes e Museus em Portugal no séc XVIII*, 331-339 (Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia; Fundação Galuste Gulbenkian, 2004).

<sup>51</sup> Feio.

<sup>52</sup> Ibid.

<sup>53</sup> J. C. M. Carvalho, "Museu Nacional de História Natural".

<sup>54</sup> I. Coelho de Sá, "Pesquisa, Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil," in *XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XIII ENANCIB*, 2012.

Seus produtos, entre os quaes haviam mais de mil pelles de pássaros, muitos insectos, e alguns mamíferos, metidos em caixões, foram entregues a guarda de dous ajudantes do inspector, que era n'esta occasião o Dr. Luiz Antonio da Costa Barradas, por ter fallecido o primeiro nomeado. Estes caixões collocados em quartos fechados por mais de um anno, ter-se-hiam de todo arruinado, perdendo-se as pelles que dentro se achavam, si d'ahi e pouco não fossem removidos para o Arsenal de Guerra, aonde foram cuidadosamente tratados pelo seu mui digno diretor o general Nacion, fazendo com que os produtos zoológicos ahi encerrados fossem limpos, reparados e depositados em armários próprios...<sup>56</sup>.

Contudo, examinando obras clássicas de Ladislau-Netto<sup>57</sup> e Lacerda<sup>58</sup>, constata-se que as coleções que permaneceram no Brasil, após a morte de Xavier dos Pássaros e o fechamento da instituição em 1813, foram enviadas para a Academia Real Militar, localizada no Largo de São Francisco, atualmente o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo sido perdidas por falta de manutenção.

Era o sarcophago em que houverão por bem sepultar os restos mortaes d'aquelle mal vingado e tão cedo asphixiado começo do nosso primeiro muséu. Pouco tempo depois tendo-se encarregado o General Nacion de vir caridosamente exhumal-os,- na cabal accepção do verbo - apenas achou em estado de imperfeita conservação cerca de cincoenta exemplares dos mil passaros e dos muitos outros animaes, que tinham sido alli depostos. Por sua iniciativa e illustrada coadjuvação, forão elles conduzidos ao Arsenal do Exercito (hoje da Guerra) e conservados naquelle estabelecimento d'envolta com uma bella collecção mineralógica e alguns instrumentos phisicos destinados aos estudos praticos dos alumnos da antiga Academia Militar<sup>59</sup>.

O envio de material científico para Portugal, antes da chegada da família Real, era regulamentado por lei, tanto assim, que em 1768 o Marques de Pombal determinou que, animais e

---

<sup>55</sup> E. J. da S. Maia, "Esboço Histórico do Museu Nacional, Servindo de Introdução a Trabalhos sobre as Principais Espécies Zoológicas do mesmo Estabelecimento," *Trabalhos da Sociedade Velloziana* 2 (1852): 90-99.

<sup>56</sup> Ibid.

<sup>57</sup> Ladislau Netto.

<sup>58</sup> J. de Lacerda, *Fastos o Museu Nacional* (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905).

<sup>59</sup> Ladislau Netto.

vegetais das colônias portuguesas fossem enviados para Lisboa, onde seriam depositados nos museus<sup>60</sup>. Portugal, nessa época, acompanhava a trajetória do colecionismo; de amador ligado aos gabinetes de curiosidades, até o colecionismo científico que visava enriquecer as coleções dos museus de história natural e jardins botânicos<sup>61</sup>.

De acordo com Lopes<sup>62</sup>, a Casa de História Natural foi criada pelo Vice-Rei D. Luis de Vasconcelos para facilitar o cumprimento das ordens emitidas por Lisboa, de envio de produtos naturais. No Arquivo Nacional, do Rio de Janeiro, existe uma coleção de 31 volumes de correspondências entre os Vice-Reis e a Coroa Portuguesa, sobre coleta e remessa de animais da fauna brasileira para Portugal. Dentre essas correspondências, algumas solicitavam o envio de animais vivos<sup>63</sup> e, muitos desses pedidos foram cumpridos por Xavier dos Pássaros.

Em sua obra sobre o Museu Imperial e Nacional, Ladislau-Neto<sup>64</sup> discorre sobre a finalidade da Casa de História Natural, afirmando:

Luiz de Vasconcellos, ilustrado e bondoso vice-rei do Brasil, que tanto se interessou pelo engrandecimento e salubridade do Rio de Janeiro, não menos attento ao movimento litterario e scientifico do velho continente que apreciador do magnifico paiz que lhe havia sido confiado, resolveu fundar, à beira da pequena lagôa chamada do Panella, em cujo local se achão hoje edificadas a matriz da freguezia do Sacramento e parte das ruas contiguas, um musêu de historia natural que, à julgar pelas bases de que fiz menção no capitulo antecedente, seria ainda hoje um hello ornamento para a nossa capital. Emquanto, porém occupava-se em construir o projectado edificio, deu-se pressa o vice-rei em lhe improvisar ao sopé um deposito de productos zoologicos do Brasil, destinados sobretudo ao augmento das colleccões brasileiras do musêu metropolitano<sup>65</sup>.

Segundo Brigola<sup>66</sup>, D. Luis de Vasconcelos, após a sua gestão no Brasil, como Vice-Rei, ocupou altos postos em Portugal, porém, foi enfatizado que ele deveria levar as suas coleções que estavam acondicionadas no Palácio dos Vice-Reis e na Calçada da Glória, junto ao Passeio Público.

---

<sup>60</sup> Papavero & Teixeira, "Remessa de Animais de Santa Catarina (1791) para a "Casa dos Pássaros" no Rio de Janeiro e para o Real Museu da Ajuda (Portugal).

<sup>61</sup> T. Camargo, "Colecionismo, Ciência e Império," in Atas da VI Jornada Setecentista, 576-587, 2006.

<sup>62</sup> Lopes.

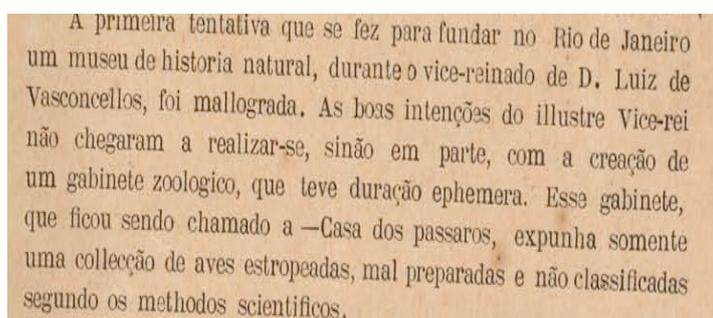
<sup>63</sup> Papavero & Teixeira, "Remessa de Animais de Santa Catarina (1791) para a "Casa dos Pássaros" no Rio de Janeiro e para o Real Museu da Ajuda (Portugal).

<sup>64</sup> Ladislau Netto.

<sup>65</sup> Ibid.

<sup>66</sup> J. C. Brigola, *Coleções, Gabinetes e Museus em Portugal no século XVIII* (Coimbra: Fundação Galuste Gulbenkian, 2003), 392.

João Batista de Lacerda, diretor do Museu Nacional (1895-1915), pesquisador extremamente eclético, médico, zoólogo, antropólogo e precursor da Fisiologia no Brasil, em sua obra *Fastos do Museu Nacional*<sup>67</sup>, questiona a finalidade da Casa dos Pássaros, como também a importância científica das coleções, chegando até mesmo a criticar as classificações, feitas de modo incorreto:



A primeira tentativa que se fez para fundar no Rio de Janeiro um museu de historia natural, durante o vice-reinado de D. Luiz de Vasconcellos, foi mallograda. As boas intenções do illustre Vice-rei não chegaram a realizar-se, sinão em parte, com a criação de um gabinete zoologico, que teve duração ephemera. Esse gabinete, que ficou sendo chamado a —Casa dos passaros, expunha somente uma colleção de aves estropeadas, mal preparadas e não classificadas segundo os methodos scientificos.

Apesar das críticas de Lacerda<sup>68</sup>, quanto às classificações feitas por Xavier dos Pássaros, de forma errônea, não respeitando os métodos científicos, já adotados na época, isto é, a nomenclatura Lineana, Lopes<sup>69</sup> esclarece que os exemplares eram classificados, apenas, a nível de família, pois no Brasil não havia quem fosse capaz de classificar.

Convém ressaltar, que Ladislau-Netto em sua obra *Investigações Históricas e Científicas sobre o Museu Imperial e Nacional*, não se refere às coleções zoológicas preparadas por Xavier dos Pássaros, nos Acervos do Museu Imperial, e posteriormente Museu Nacional<sup>70</sup>.

Considera-se necessário um estudo mais apurado sobre coleções zoológicas depositadas em museus portugueses e franceses, de material proveniente do Brasil Colônia, levando-se em conta que, com a invasão de Portugal por Napoleão Bonaparte, coleções depositadas em museus portugueses foram levadas para os museus franceses por Geoffroy Saint-Hilaire, que acompanhou o General Junot, na tomada e saque de Lisboa<sup>71</sup>.

De acordo com Heynemann<sup>72</sup>, Xavier dos Pássaros foi um dos principais taxidermistas da colônia, até diríamos o único. Convém destacar que o termo Taxidermia, somente surgiu no início do século XIX, em um artigo denominado *Taxidermie* de Louis Dufresne, do *Nouveau Dictionnaire* no d'Histoire

---

<sup>67</sup> Lacerda.

<sup>68</sup> Ibid.

<sup>69</sup> Lopes.

<sup>70</sup> Ladislau Netto.

<sup>71</sup> Papavero & Teixeira, "Remessas de Animais da Bahia, do Maranhão, do Espirito Santo e do Rio de Janeiro para as Quintas Reais de Lisboa (1762-1807).

<sup>72</sup> C. B. Heynemann, "O Inventário da Natureza Americana no Acervo do Arquivo Nacional," *Revista Esboços* 21, nº 31 (2014): 11-27.

Naturelle<sup>73</sup>. O mesmo autor, ainda se refere ao Sr. Francisco Xavier Caldeiras como professor de história natural, com aulas que enfatizavam práticas ligadas ao preparo de coleções. Segundo Feio<sup>74</sup>, Xavier dos Pássaros recebia uma gratificação de 400\$000, que correspondia às lições de taxidermia ministradas aos discípulos interessados nessa atividade. Contudo, nos deixa surpresos o autodidatismo de Xavier dos Pássaros, que mesmo não tendo formação em História Natural era um autodidata que foi elogiado pelos zoólogos do Museu da Ajuda pelas suas preparações.

De acordo com Lopes<sup>75</sup>, D. Luis de Vasconcelos, em correspondência com Martinho de Melo e Castro, solicita apoio financeiro para Xavier dos Pássaros, utilizando como justificativa as coleções enviadas para Portugal e os elogios feitos pelos naturalistas do Museu da Ajuda.

Dentre os discípulos de Xavier dos Pássaros, destacou-se João de Deus e Matos, pelas atividades que exerceu, ligadas ao Museu Real e posteriormente Imperial, as primeiras lições foram ministradas quando ainda era menino.

Segundo Ladislau-Neto<sup>76</sup>, oficialmente João de Deus fora designado como guarda e porteiro do Museu Real, contudo, tinha uma gratificação de preparador de exemplares zoológicos, pondo em prática os ensinamentos do seu mestre Francisco Caldeiras.

Após a morte do primeiro diretor do então Museu Imperial, Frei José da Costa Azevedo, em novembro de 1822, interinamente, João de Deus assumiu o importante cargo<sup>77</sup>. Ladislau-Neto<sup>78</sup>, de forma respeitosa e terna, afirma: “João de Deus era, pois, o élo moral que prendia a casa dos Passaros ao Muséu Nacional – os sonhos dourados de hontem à dessaborida realidade de hoje”. Durante a sua vida profissional também fora incumbido de coletas zoológicas para o Museu, em uma delas, no litoral norte do Rio de Janeiro, coletou tucanos, que seriam incorporados à coleção da instituição, contudo, por ordens de José Bonifácio, as penas foram usadas na confecção do manto imperial, na coroação de D. Pedro I<sup>79</sup>. Como diretor interino, João de Deus, construiu uma sala ao lado da rua da Constituição, expandindo o Museu Real e Imperial<sup>80</sup>.

A Casa de História Natural foi extinta em 1813 por D. João VI<sup>81</sup>; contudo, consultando documentos referentes a decretos e leis de 1813<sup>82</sup> não encontramos nada relativo a extinção da instituição, apenas aos cargos.

---

<sup>73</sup> Ibid.

<sup>74</sup> Feio.

<sup>75</sup> Lopes.

<sup>76</sup> Ladislau Netto.

<sup>77</sup> Ibid.

<sup>78</sup> Ibid.

<sup>79</sup> Ibid.

<sup>80</sup> Ibid.

<sup>81</sup> *Museu Real*, <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>.

<sup>82</sup> *Collecção das Leis do Brazil (1813)* (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889).

N. 20. - BRAZIL. - EM 22 DE JUNHO DE 1813

Manda que se hajam por extinctos os differentes empregos do Ilfuseu desta Côrte. Constando na real presença de Sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor a pouca utilidade que se tira da despeza feita com os empregados no denominado-Museu ; foi o mesmo Senhor servido ordenar, que se hajam por extinctos os differentes empregos de semelhante repartição, cessando os ordenados e vencimentos das pessoas a ella addidas, e sendo~ lhes pago o que se lhes estiver devendo. Outrosim foi o mesmo Senhor servido ordenar, que sejam entregues á Academia Real Militar, todos os productos naturaes, que alli se acharem e tudo quanto pertencer á Real Fazenda, expedindo-se as ordens a esse fim necessarias.

Deus guarde a V. S.- Rio de Janeiro 22 de Junho de 1813. Conde de Agtciar. - Sr. Thesoureiro-Mór do Era rio Regio<sup>83</sup>.

Dom João VI em 1818 criou o Museu Real, localizado no Campo de Santana, em um pomposo prédio, entre as antigas ruas Nova do Conde e dos Ciganos, atuais Visconde do Rio Branco e da Constituição<sup>84</sup>. A Princesa Leopoldina foi deveras importante para a criação do Museu Real<sup>85</sup>. O primeiro diretor foi o Frei José Batista da Costa Azevedo, franciscano e professor de Botânica e Zoologia da Academia Real Militar<sup>86</sup>.

DECRETO - DE 6 DE JUNHO DE 1818

Crêa um Museu nesta Côrte, e manda que elle seja estabelecido em um prédio do Campo de Sant'Anna que mam1a comprar e incorporar aos proprios daCorôa. Querendo propagar os conhecimentos e estudos das sciencias naturaes no Reino do Brazil, que encerra em si milhares de objectos dignos de observação e exame, e que podem ser empregados em beneficio do commercio, da industria e das artes, que muito desejo favorecer, como grandes mananciaes de riqueza: Hei por bem que nesta Côrte se estabeleça um Museu Real, para onde passem, quanto antes, os instrumentos, machinas e gabinetes que já existem dispersos por outros lagares; ficando tudo a cargo das pessoas que eu para o futuro nomear. E sendo-me presente que a morada de casas que no Campo de Santa Anna occupa o seu proprietario, João Rodrigues Pereira ~ Almeida, reune as proporções e commodos convenientes ao dito

<sup>83</sup> Ibid.

<sup>84</sup> *Museu Real*, <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>.

<sup>85</sup> R. M. M. C. Dantas, *Da Casa dos Pássaros ao Museu Real*, Apostila (não publicada), Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, CTE, UFRJ, 2008.

<sup>86</sup> P. R. M. Sily, "Práticas Educativas do Museu Nacional do Rio de Janeiro no Início do Século XX," in *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2008.

estabelecimento, e que o mencionado proprietu,rio voluntariamente se presta a vendel-a pela qucwict de 3:2:000.SOOO, por me fazer serviço: sou servido acceitar a referida offerta, e que procedendo-se á competente escriptura de compra, para ser depois enviada ao Conselho da Fazenci:1, e incorporar-se a mesma casa nos próprios da Coroa, se entregue pelo Rea.l Erario com toda a brevidadeao sobredito João Rodrigues a mencionada importancia de 32:000\$000. Thomaz Antonio de Yillanova Portugal, do meu Conselho de Estado, Ministro e Secretario ele Estado dos Negocios do Reino, encarregado d~ presidencia de mesmo Real Erario, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em 6 de Junho de 1818. Com a rubrica de Sua Magestade<sup>87</sup>.

Após a Independência foi denominado Museu Imperial, permanecendo no Campo de Santana até a Proclamação da República, onde recebeu a denominação de Museu Nacional. Em 1892, após o término dos trabalhos da Constituinte Republicana, que foram desenvolvidos no Palácio da Quinta da Boa Vista, o Museu Nacional foi transferido para o Palácio Imperial da Quinta da Boa Vista<sup>88</sup>.

### Considerações finais

Com a intenção de elucidar algumas dúvidas, foram priorizadas duas questões: se a Casa dos Pássaros foi precursora do Museu Nacional; e sobre o destino dos exemplares zoológicos após a extinção da Casa de História Natural.

Com relação ao primeiro ponto, o paradoxo observado entre diferentes autores, sobre a finalidade da Casa dos Pássaros, corrobora a tese de que a Casa de História Natural acabou sendo um espaço destinado a preparação e envio de material zoológico para Portugal. Contudo, ficaram dúvidas sobre o teor das instruções palacianas que foram dadas a D. Luis de Vasconcelos sobre a construção da Casa de História Natural.

Conforme autores consultados, o material da Casa dos Pássaros, após a sua extinção, foi perdido devido ao mal estado de conservação. No entanto, cabe dar continuidade a presente pesquisa, por meio da procura do material zoológico, preparado por Xavier dos Pássaros, em museus portugueses ou franceses, tendo em Vista a invasão de Portugal por Napoleão.

---

<sup>87</sup> *Collecção das Leis do Brazil (1818)* (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889).

<sup>88</sup> J. C. M. Carvalho, "Museu Nacional de História Natural".



*Museu Nacional*  
1870.

Figura 6 - Museu Nacional – 1870.<sup>89</sup>

### Sobre os autores

José Mario d'Almeida

Pesquisador Voluntário do Laboratório de Entomologia Médica e Forense do Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz; Pós-doutorando do Programa de História da Ciência, das Técnicas e Epistemologia (HCTE-UFRJ).

[jmariodalmeida@hotmail.com](mailto:jmariodalmeida@hotmail.com)

Regina Maria Macedo Costa Dantas

Professora do Programa de História da Ciência, das Técnicas e Epistemologia (HCTE-UFRJ); Supervisora de Pós-doutorado.

[regina@hcte.ufrj.br](mailto:regina@hcte.ufrj.br)

Artigo recebido em 25 de maio de 2018

Aceito para publicação em 31 de julho de 2018

---

<sup>89</sup> Fonte: Ladislau Netto, *Investigações Históricas e Científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio e Janeiro, Acompanhadas de uma Breve Notícia de suas Coleções e Publicadas por Ordem do Ministério da Agricultura* (Rio de Janeiro: Instituto Philomatico, 1870).